

**Explorando a frase nominal em práticas de leitura,
escrita e análise linguística****Exploring nominal sentences in practices of reading,
writing and linguistic analysis**Juanito Ornelas de AVELAR*
Rômulo Tiago da SILVA**

RESUMO: Discutimos o tratamento oferecido à frase nominal em livros didáticos, que dão pouco espaço a este tipo sentencial. Analisamos a frase nominal a partir de perspectivas propostas por Émile Benveniste e pelo Círculo de Bakhtin, chamando a atenção para propriedades sintáticas e discursivas, em especial aquelas que permitem estabelecer contrastes com a frase verbal. Também apresentamos uma proposta para analisar enunciados sem verbo em sala de aula, com o relato de uma oficina para práticas de leitura, escrita e análise linguística na qual alunos do ensino básico desenvolveram atividades voltadas ao reconhecimento de formas e funções da frase nominal em textos de diferentes gêneros do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Frase nominal. Função verbal. Enunciação. Dialogismo.

ABSTRACT: We discuss the treatment offered to nominal sentences in Portuguese didactic books, which do not adequately address this sentential type. We analyze the nominal sentence taking into consideration the perspectives proposed by Émile Benveniste and the Bakhtin Circle, drawing attention to syntactic and discursive properties, especially those that allow for contrasts with the verbal sentence. We also present a proposal to analyze non-verb utterances in the classroom, with the report of a workshop on reading, writing and linguistic analysis practices in which elementary school students developed a set of activities aimed at recognizing forms and functions of nominal sentences in a variety of speech genres.

KEYWORDS: Nominal sentence. Verbal function. Utterance. Dialogism.

1 Introdução

Tanto a análise sintática tradicional quanto as desenvolvidas em vertentes da linguística contemporânea priorizam a oração (uma frase ou parte da frase construída em torno do verbo) como a sua unidade de estudo. Especificamente na abordagem tradicional, essa prioridade é facilmente percebida no modo como se apresenta a clássica distinção entre *frase verbal* e *frase nominal*, que costuma introduzir a parte dedicada à sintaxe em manuais de gramática normativa e livros didáticos de língua portuguesa. Enquanto a frase nominal é apresentada de forma breve e, na maioria das vezes, com exemplos que se restringem a

* Doutor em Linguística pela UNICAMP; Professor Doutor do Departamento de Linguística da UNICAMP; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5786-290X>; e-mail: ornelas@unicamp.br.

** Especialista em Língua Portuguesa pela PUC-RS; Licenciado em Letras pela FACCAT; Professor da rede pública municipal de Parobé-RS (EMEF Getúlio Dornelles Vargas) e da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul (EEEM Adelina da Cunha); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1044-9050>; e-mail: romulo.tiago@hotmail.com.

simples expressões interjetivas (como *oi!*, *socorro!*, *silêncio!*), a verbal é destrinchada em detalhes e ocupa praticamente toda a extensão dos estudos sintáticos.

O presente artigo tem por objetivo discutir o tratamento oferecido à frase nominal em materiais didáticos voltados ao ensino de Língua Portuguesa, bem como apresentar uma proposta para abordar esse tipo de frase em sala de aula, com o relato de uma experiência desenvolvida em turmas do nono ano do ensino fundamental. Entre os intuitos deste trabalho está o de mostrar que a frase nominal é utilizada nas mais diversas situações comunicativas e em diferentes gêneros do discurso com os quais se espera que os estudantes tenham contato. Restringir a frase nominal a menções breves com exemplos destituídos de ancoragem contextual acaba, dessa forma, por privar o aluno do estudo de um tipo frásico que não apenas contribui para a explicitação de propriedades gramaticais relevantes da língua, mas também pode ser explorado na compreensão e produção de efeitos de sentido no trabalho com gêneros diversificados.

O artigo é dividido da seguinte forma: para além desta introdução, discutimos, na seção 2, o modo como os livros didáticos abordam a frase nominal, bem como destacamos algumas propriedades que evidenciam a sua complexidade estrutural; nas seções 3 e 4, destacamos aspectos enunciativos e discursivos que podem ser relacionados à frase nominal, a partir dos trabalhos de Benveniste (2005) e do Círculo de Bakhtin; na seção 5, apresentamos uma proposta de trabalho com a frase nominal para o ensino básico, com o relato de atividades destinadas a práticas de leitura, escrita e análise linguística, desenvolvidas junto a turmas do último ano do ensino fundamental; a seção 6 é voltada às considerações finais.

2 A frase nominal em livros didáticos

Nos manuais de gramática que seguem a linha tradicional, e em particular nos livros didáticos de Língua Portuguesa, a definição de *frase nominal* costuma ser apresentada logo no início da unidade dedicada ao estudo da sintaxe, juntamente com a de *frase verbal*. Os recortes a seguir exemplificam essa apresentação em dois livros didáticos para o 7º ano. Após a breve exposição dos dois conceitos, os livros se concentram, via de regra, na análise sistemática do *período*, a frase verbal por excelência, com a frase nominal praticamente desaparecendo da abordagem.

As frases geralmente apresentam ao menos um verbo. Quando isso não ocorre, como em: **Olá, pessoal!, Que chato!, Socorro!**, elas são consideradas frases nominais. [grifo dos autores] (CEREJA; COCHAR, 2017, p. 42)

Damos o nome de **frase** ao enunciado que, em uma situação comunicativa, apresenta **sentido completo**. Há frases formadas por verbos e outras que não possuem verbos. Observe: Como vai você vovô? / Aqui em São Paulo está frio. / Um beijo da sua neta Júlia Branca. [grifo dos autores] (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p. 46)

Em sua *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, Evanildo Bechara explicita as razões pelas quais a frase nominal não merece o mesmo espaço concedido à verbal. Para o autor, “a nossa atividade comunicativa consiste na construção de enunciados”, mas “nem todos os enunciados têm a mesma importância para a exposição gramatical” (versão para e-book / sem número de página). E continua:

[...] todos [os enunciados] estão perfeitamente aptos e suficientes aos nossos desejos de comunicação, mas há os que mais de perto interessam à exposição gramatical, porque com mais evidência explicitam as relações gramaticais que as unidades linguísticas guardam entre si. A gramática pouco tem de dizer diante de enunciados como:

Bom dia!

Adeus!

Além de muito depender da situação e do contexto em que se encontravam falante e ouvinte, a gramática dirá que *bom* está no masculino singular porque *dia* tem o mesmo gênero e número. Quanto a *Adeus* terá de dizer muito menos, depois de lhe dar a classe gramatical.

Na sequência, Bechara ressalta que falta a enunciados como *Bom dia!* e *Adeus!* a “palavra fundamental”: o *verbo*. Na visão do autor, a ausência dessa palavra em um enunciado justifica o fato de as gramáticas não lhe darem destaque.

Um dos pontos negativos relacionados a essa visão é a ideia equivocada de que enunciados sem verbo não apresentam suficiente complexidade estrutural para permitir um

tratamento mais detido sobre a sua configuração: a frase nominal pode apresentar, em sua constituição, as mesmas propriedades gramaticais atribuídas à verbal. A título de exemplificação, enunciados como o da Figura 1, a serem discutidos mais de perto na seção 3, apresentam um sujeito (*Bolsonaro*) e um predicado (*genocida*), com funções sintáticas paralelas às que teriam se a frase fosse verbal (*Bolsonaro é genocida*). Já na composição do título e do subtítulo da reportagem anunciada na Figura 2, na qual o verbo só aparece na frase imperativa “Confira o menu”, os enunciados nominais mostram relações sintáticas tão complexas quanto às identificadas nos verbais: coordenação assindética e sindética (“Elvis, Che Guevara, Hitler”, “arroz, feijão e carne”); adjunção adnominal recursiva (“inusitado sanduíche de banana com pasta de amendoim”); e atribuição de papéis semânticos por meio de preposições, como os de ponto inicial (origem) e ponto final (destino) pelos itens *de* e *a*, respectivamente (“do simples arroz, feijão e carne ao inusitado sanduíche de banana com pasta de amendoim”).

Figura 1



Fonte: Foto tirada por um dos autores durante protesto em Campinas/SP, em junho de 2021.

Figura 2



Fonte: Revista Superinteressante, em edição online de 21/01/2021.

Na frase nominal presente na Figura 3, há outra propriedade normalmente associada ao enunciado verbal: a presença de um adjunto temporal. De uma perspectiva tradicional, esse termo não poderia ser caracterizado propriamente como adverbial, uma vez que falta um verbo (e, portanto, uma oração) à frase, mas a sua função é claramente paralela à que teria esse tipo de adjunto em uma oração.

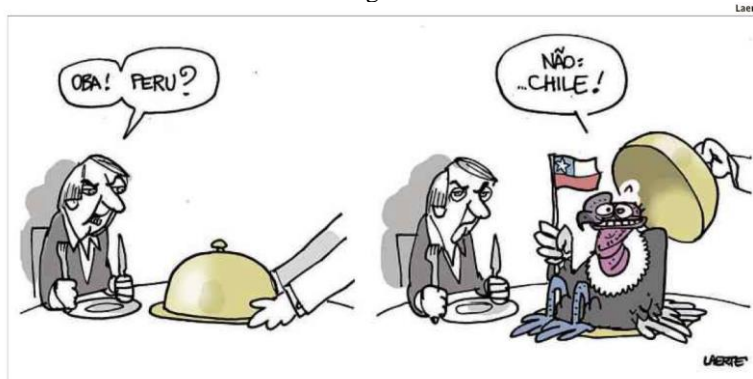
Figura 3



O Globo, Política, 06/11/2021, p. 10.

Na Figura 4, temos uma charge na qual aparecem frases nominais associadas a diferentes padrões de entoação (sugeridos por sinais de pontuação), os mesmos que costumam caracterizar a frase verbal: o interrogativo (*Peru?*), o exclamativo (*Oba!*), o assertivo negativo-exclamativo (*Não: ...Chile!*).¹ Vemos, dessa forma, que a frase nominal está sujeita à mesma classificação empregada para a frase verbal no que tange a marcas entoacionais.

Figura 4



Laerte, Folha de São Paulo, 23/12/2021.

Esse conjunto de propriedades elencadas, aos quais outras poderiam se juntar, é suficiente para mostrar que as frases nominais são, da perspectiva gramatical, estruturalmente tão complexas quanto as frases verbais. Não se justifica, portanto, que o seu tratamento se restrinja à mera apresentação de exemplos curtos (quase sempre expressões interjetivas descontextualizadas que se repetem entre os livros didáticos), sem qualquer sistematização que possibilite destrinchar a sua complexidade.

Um outro ponto negativo que pode ser associado ao pouco espaço conferido à frase nominal nos livros didáticos diz respeito ao fato de que, por ocorrer nas mais diversas

¹ A charge faz referência à eleição presidencial no Chile em dezembro de 2021, na qual o candidato da esquerda, Gabriel Boric, derrotou o candidato da ultra-direita, José Antonio Kast, tido como a versão chilena de Jair Bolsonaro. O presidente do Peru por ocasião da eleição, Pedro Castillo, embora se apresente como esquerdista, é visto por muitos como um conservador reacionário que, quanto à pauta de costumes, se alinha às mesmas ideias de Bolsonaro.

situações comunicativas, deixar de abordá-la mais detidamente implica impedir, em contextos de ensino-aprendizagem, que o estudante se familiarize com um padrão frásico recorrente na língua e reflita sobre os efeitos de sentido resultantes do seu emprego. Esse aspecto será abordado mais de perto nas próximas duas seções.

3 As frases nominais e sua função verbal

Nesta seção, abordamos a análise de Benveniste (2005) sobre a frase nominal predicativa, bem como o que o autor chama de *função verbal*, propriedade que deve estar presente tanto no enunciado nominal quanto no verbal. Em seguida, analisamos um exemplo em português para tentar responder em que medida essa proposta permite explicar algumas propriedades da frase nominal predicativa nessa língua.

Antes de prosseguir, é importante ressaltar que o texto *A frase nominal*, de Benveniste, é de 1950 e compõe a primeira edição do PLG (*Problèmes de Linguistique Générale*, Éditions Gallimard), lançada apenas em 1966.² Em 1962, o autor publica *Os níveis da análise linguística*, que também compõe o primeiro volume do PLG. É neste segundo texto em particular que Benveniste se ocupa mais sistematicamente do conceito de *frase*. Segundo o teórico, a frase consiste no nível mais alto da análise linguística e deve ser entendida como a “unidade do discurso”, nos seguintes termos:³

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso.

A frase pertence bem ao discurso. É por aí mesmo que se pode defini-la: a frase é a unidade do discurso. [...]

² Utilizamos aqui a versão impressa em português do PLG, intitulada *Problemas de Linguística Geral I*, mais especificamente a sua 5ª edição, de 2005, lançada pela Editora Pontes.

³ Para uma melhor compreensão do que o autor chama de *níveis*, é imprescindível a leitura de *Os níveis da análise linguística* (PLG I, 2005). Como bem esclarece Flores (2013), Émile Benveniste faz uma reflexão sobre a análise linguística e não sobre os níveis como partes, camadas de um todo (como, por exemplo, a fonologia, a morfologia e a sintaxe). Isso justifica o título “Os níveis da análise linguística” em vez de “Os níveis de análise linguística”. Nesse artigo, Benveniste trata dos menores níveis (o merisma e o fonema) até níveis maiores (o morfema, a palavra e a frase).

A frase é uma unidade, na medida em que é um segmento de discurso, e não na medida em que poderia ser distintiva com relação a outras unidades do mesmo nível – o que ela não é, como vimos. É, porém, uma unidade completa, que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o “sentido” mas permanecendo desconhecida a “referência”. (pp. 139-140, grifos do autor)

Essa visão do linguista acerca da frase interessa aos propósitos deste trabalho, visto que, nos exemplos a serem apresentados e discutidos mais adiante, é necessário que se leve em consideração a noção de *referência* para a sua efetiva compreensão. Dito de outro modo, sem referência a uma dada situação, a frase poderá ter o seu sentido captado pelo interlocutor por ser dotada de significação (formas/signos linguísticos), mas a sua plena compreensão não será alcançada, exatamente por se desconhecer a situação a que faz referência.

3.1 A frase nominal em Benveniste

O trabalho de Benveniste (2005) sobre a frase nominal lança luz sobre questões relevantes acerca das relações predicativas de natureza copular estabelecidas sem a presença de uma forma verbal, entre elas a de saber como é possível “que o verbo de existência tenha, entre todos os verbos, esse privilégio de estar presente num enunciado no qual não figura” (p. 164). Benveniste se ocupa apenas de um tipo específico de enunciado nominal, o qual não coincide exatamente com o simples conceito de *frase sem verbo* apresentado nos manuais de gramática. Para o autor, “a frase nominal comporta um predicado nominal, sem verbo nem cópula, e é considerada como a expressão normal do indo-europeu nos casos em que uma forma verbal eventual estaria na terceira pessoa do presente do verbo *ser*” (p. 163). Em termos estritamente conceituais, as expressões interjetivas que costumam ser apresentadas nos manuais de gramática como exemplos de frase nominal não teriam lugar na abordagem proposta por Benveniste, tendo em vista que não dispõem de um predicado nominal nem podem ser associadas a uma potencial realização do verbo *ser*.

O autor chega a afirmar que, embora presente em línguas diversas, as línguas indo-europeias ocidentais de hoje estariam entre as poucas que não apresentam frases nominais.

Essa observação colocaria, à primeira vista, o português contemporâneo e as demais línguas românicas na lista daquelas em que a frase nominal está ausente, pelo menos no que diz respeito ao tipo frásico que interessa a Benveniste. A frase nominal predicativa, entretanto, é não apenas possível como bastante recorrente em português (pelo menos, no português brasileiro), embora ainda não nos seja claro se as funções que lhe são atribuídas correspondem exatamente às reconhecidas por Benveniste no conjunto das expressões que analisa. Consideramos, portanto, que as observações do autor sobre a frase nominal contribuem para explicitar o funcionamento de frases não-oracionais do português, apesar de ele afirmar que as línguas indo-europeias ocidentais de hoje não dão lugar a esse tipo frásico.

Entre outros aspectos, o autor argumenta que a “asserção nominal, completa em si mesma, põe o enunciado fora de qualquer localização temporal ou modal e fora da subjetividade do locutor”, enquanto a “asserção verbal [...] introduz no enunciado todas as determinações verbais e o situa em razão do locutor” (p. 173). Para sustentar esse ponto, Benveniste explora a diferença entre *forma verbal* e o que chama de *função verbal*. A primeira consiste no item pertencente à classe que chamamos tradicionalmente de verbo, com marcas flexionais específicas associadas, por exemplo, às categorias gramaticais de tempo, modo, aspecto, número e pessoa em uma língua como o português. A função verbal, por sua vez, pode ou não ser desempenhada por um verbo, mas deve estar presente em todo e qualquer enunciado, o que inclui as frases nominais. O autor observa o seguinte a seu respeito:

A função verbal [...] permanece em certa medida independente da forma verbal, embora, muitas vezes, as duas coincidam. [...] No seio do enunciado assertivo, a função verbal é dupla: função coesiva, que consiste em organizar numa estrutura completa os elementos do enunciado; função assertiva, que consiste em dotar o enunciado de um predicado de realidade. [...] É importante sublinhar que essa definição se apoia na função sintática essencial do verbo, não na sua forma material. A função verbal é assegurada, sejam quais forem os caracteres morfológicos da forma verbal. [...] Não é necessário que um idioma disponha de um verbo morfológicamente diferenciado para que essa função verbal se efetue, uma vez que toda língua, seja qual for a sua estrutura, é capaz de produzir asserções finitas. Segue-se

que a distinção morfológica do verbo e do nome é secundária com relação à distinção sintática.⁴ (p. 167)

Em suma, a função verbal é determinada sintaticamente e independe de haver, no enunciado, um item que se caracterize morfológicamente como verbo. Tal função, portanto, “não tem necessidade de uma forma especificamente verbal para manifestar-se no enunciado” (p. 168). A frase nominal do indo-europeu seria então composta por dois elementos:

um, invariante, que dá ao enunciado força de asserção; o outro, variável e explícito, que é dessa vez uma forma da classe morfológica dos nomes. Essa é a única diferença em relação ao enunciado cuja função verbal repousa sobre uma forma da classe dos verbos. (p. 171)

O autor exemplifica a oposição com as frases do latim *omnia praeclara rara* ‘tudo o que reluz (é) raro’ e *omnia praeclara pereunt* ‘tudo o que reluz perece’, sendo a primeira uma frase nominal, e a segunda, verbal. Apesar dessa oposição, as duas apresentam a função verbal, de acordo com Benveniste, pois exibem a organização sintática completa de um enunciado, com sujeito e predicado (a *função coesiva*) e se apresenta como um enunciado declarativo, com força de asserção, um “predicado de realidade” (a *função assertiva*). Conforme Benveniste, não há, de uma perspectiva estritamente sintática, diferença estrutural entre os dois tipos de frase. O contraste seria de outra ordem:

Na frase nominal, [...] a asserção terá esse caráter próprio de ser intemporal, impessoal, não modal, em suma, de ter por objeto um termo reduzido apenas ao seu conteúdo semântico. [...] essa asserção nominal também não pode participar da propriedade essencial de uma asserção verbal, que consiste em pôr o tempo do acontecimento em relação com o tempo do discurso sobre o acontecimento. A frase nominal em indo-europeu afirma uma certa

⁴ A análise de Benveniste sobre a frase nominal predicativa se ocupa exclusivamente de enunciados assertivos. Esse aspecto, entretanto, não exclui os outros tipos de enunciado (interrogativo, exclamativo, imperativo etc.) da lista de frases nominais que possam interessar a uma análise desenvolvida na esteira do que propõe o autor. A função verbal, conceito fundamental para o tratamento que Benveniste oferece às frases nominais, pode ser associada não apenas a elementos com “força assertiva”, mas também com “força interrogativa”, “força exclamativa”, entre outras, desde que a função coesiva (ou seja, a responsável por organizar a estrutura sintática do enunciado nominal) esteja presente.

“qualidade” (no sentido mais geral) como própria do sujeito do enunciado, mas fora de qualquer determinação temporal, ou outra, e fora de qualquer relação com o locutor. (pp. 171-172)

Para validar as suas observações, Benveniste recorre a textos do grego antigo – as *Píticas* de Píndaro, a *História* de Heródoto e textos de Homero – no intuito de mostrar que a frase verbal e a frase nominal “não afirmam de maneira igual” (p. 174). A frase nominal não aparece na mesma proporção: é mais comum nas *Píticas*, um texto de poesia elevada (nas palavras de Benveniste), e mais raro na *História*, uma prosa narrativa; em Homero, a frase nominal e a verbal copular aparecem praticamente na mesma proporção, segundo o autor.

Benveniste associa o contraste à especificidade dos gêneros e ao papel que os dois tipos frásicos desempenham na sua organização: a frase nominal serve para enunciar algo que se apresente como uma “verdade geral”, intemporal, permanente, agindo como um argumento de autoridade, daí aparecer com mais frequência nas *Píticas*, que reúnem odes triunfais dedicadas a vitórias conquistadas nos Jogos Píticos, realizados a cada quatro anos em honra ao deus Apolo; a frase verbal serve “à narração de um fato, à descrição de uma maneira de ser ou de uma situação” (p. 176), sendo assim a mais conveniente ao texto de Heródoto, que descreve acontecimentos, países e costumes. Em Homero, por sua vez, a frase nominal “aparece somente em discursos, não nas partes narrativas ou descritivas”, servindo, dessa forma, a “asserções de valor permanente, não situações ocasionais” (p. 177), o que confirma o papel que esse tipo de frase desempenha no conjunto das obras analisadas.

Em síntese, nos textos em grego antigo analisados por Benveniste, a frase nominal se particulariza em relação à frase verbal nos seguintes termos:

A frase nominal e a frase com εστι [a forma verbal copular do grego antigo] não afirmam de maneira igual e não pertencem ao mesmo registro. A primeira é do discurso; a segunda, da narração. Uma propõe o absoluto; a outra descreve uma situação. Esses dois traços [...] dependem juntos do fato do que, no enunciado, a função assertiva repousa sobre uma forma nominal ou sobre uma forma verbal. [...] **A frase nominal tem valor de argumento, de prova, de referência. É introduzida no discurso para agir e convencer, não para informar. É, fora do tempo, das pessoas e da circunstância, uma verdade proferida como tal.** [grifo nosso] (p. 179)

3.2 Um caso de frase nominal predicativa copular em português

Frases nominais predicativas de base copular, como as tratadas por Benveniste (2005), são possíveis em português. O enunciado da Figura 1, reproduzido a seguir, é uma típica frase nominal predicativa que se encaixa na definição proposta pelo autor aos casos do indo-europeu, “em que uma forma verbal eventual estaria na terceira pessoa do presente do verbo *ser*” (p. 163). A versão verbal dessa frase é apresentada em (1b), com a realização da cópula verbal.

- (1) a. Bolsonaro genocida.
b. Bolsonaro é genocida.

A asserção nominal em (1a) foi (e ainda vem sendo) empregada pelos críticos ao modo como o governo de Jair Bolsonaro tem lidado com a pandemia de covid-19, responsável pela maior crise sanitária dos últimos cem anos no Brasil. Por sua atualidade, trata-se de um exemplo que nos possibilita observar de perto em que medida a análise proposta por Benveniste, apresentada na seção anterior, pode ser estendida à frase nominal predicativa em português. Para empregar as mesmas palavras do autor, devemos nos indagar se a asserção nominal em (1a) “afirma a mesma coisa” que a asserção verbal em (1b).

Um primeiro ponto a ser observado é que, pelos critérios propostos por Benveniste, as duas frases apresentam função verbal, embora somente a segunda exiba uma forma verbal: nos dois casos, a *função coesiva*, necessária ao estabelecimento da função verbal, está presente, pois a relação predicativa está garantida em ambos os enunciados; a *função assertiva*, que dota as duas frases de “um predicado de realidade” e permite diferenciá-las de outros tipos frásicos (o interrogativo e o imperativo, por exemplo), também está presente.

Para saber se as duas frases querem dizer a mesma coisa, é imprescindível fazer um exercício de interpretação na tentativa de avaliar se quem diz “Bolsonaro genocida” afirma o mesmo que em “Bolsonaro é genocida”. A frase nominal, em particular, foi largamente empregada nas redes sociais para criticar a postura de Bolsonaro durante a pandemia. A hashtag #bolsonarogenocida chegou a figurar nos *trending topics* do Twitter em alguns momentos ao longo de 2020 e 2021, em reação, por exemplo, às descobertas feitas pela CPI da Covid, que confirmaram o desinteresse do governo pela aquisição de vacinas e a tentativa

de promover a chamada imunização de rebanho. Adicionalmente a essas descobertas, imagens do presidente promovendo e participando de aglomerações, bem como a reiterada negação da gravidade da doença (que, nas palavras do próprio Bolsonaro, não passava de uma “gripezinha”), foram colocadas em evidência na mídia e nas redes sociais.

Para além dos apoiadores de Bolsonaro, muitos dos que são críticos ao presidente e condenam a sua postura diante da crise sanitária discordam do rótulo de genocida. Para Demétrio Magnoli, colunista d’O Globo, “a invocação do crime dos crimes [genocídio] para fazer referência às imposturas do governo Bolsonaro tem graves implicações filosóficas e práticas”, uma vez que “a tentativa de diluir o conceito não passa de um truque de linguagem imerso nas polêmicas ideológicas circunstanciais”. Embora reconheça que Bolsonaro tenha praticado crimes no tocante à pandemia, o articulista acredita que “banalizar o genocídio é uma forma de vestir a omissão com os andrajos do radicalismo retórico”.⁵

Em direção oposta à de Demétrio Magnoli, o jornalista Reinaldo Azevedo afirma que “os mais de 100 mil [número de mortos pela covid à época] não caíram da árvore dos acontecimentos” e “decorre de ações e omissões do governo Bolsonaro”. Azevedo indaga: “Pode-se atribuir ao governo Bolsonaro, particularmente ao Ministério da Saúde, dolo eventual no que resulta ser um homicídio em massa? A resposta é ‘sim’. Por consequência, o que se tem é genocídio mesmo, sem hipérbole e sem metáfora”.⁶

Podemos dizer então que se firmou um embate conceitual sobre a noção de genocídio, bem como sobre quão apropriada vem a ser a atribuição do rótulo *genocida* a Bolsonaro, com os dois lados da contenda (ambos críticos das atitudes do presidente) apresentando argumentos favoráveis e contrários à alcunha. É nesse contexto de embate, do qual também participam apoiadores do presidente, que a asserção nominal *Bolsonaro genocida* se consolida. À luz da proposta de Benveniste, essa asserção deve contrastar com a sua versão verbal (*Bolsonaro é genocida*) por ter “valor de argumento, de prova, de referência”: enquanto o emprego do verbo copular resulta em um enunciado para narrar ou descrever uma situação, o enunciado nominal “é introduzido no discurso para agir ou convencer, não para informar”. Nesse sentido, a asserção *Bolsonaro genocida* não está sujeita a nenhum crivo avaliativo que requeira analisar juridicamente a validade ou não da caracterização da postura

⁵ Folha de São Paulo, 18/07/2020.

⁶ Site UOL, 10/08/2020. Em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2020/08/10/assumiram-risco-de-matar-em-massa-por-acao-e-omissao-e-mataram-genocidio.htm>.

do presidente como prática de genocídio: o objetivo é afirmar, como verdade, que as suas atitudes negacionistas resultaram em mortes que poderiam ser evitadas e, como tal, se configuram como genocidas, independentemente de a correção jurídica estar do lado dos que se alinham a Demétrio Magnoli ou a Reinaldo Azevedo.

A esse respeito, o próprio Reinaldo Azevedo recorre, em outra publicação, à versão verbal da asserção predicativa para indagar se o atributo é ou não apropriado. O articulista não responde explicitamente “sim” ou “não” à indagação sobre Bolsonaro, mas atribui toda a responsabilidade ao seu governo: “Bolsonaro é genocida? Seu governo é... Genocídio com dolo eventual. Assumi o risco de matar.”⁷

Independentemente da resposta, com base jurídica, que se venha dar à indagação *Bolsonaro é genocida?*, a asserção *Bolsonaro genocida* terá, para quem a enuncia, o seu valor preservado em função das atitudes do presidente frente à crise sanitária. Uma possível evidência gramatical dessa preservação está no fato de a asserção nominal não admitir a negação canônica, ao contrário da verbal: conforme vemos em (2) a seguir, o emprego do item *não* imediatamente antes do predicado na frase nominal resulta em agramaticalidade, em oposição ao que ocorre na frase verbal, cujo predicado pode ser negado. Em outras palavras: o enunciado em (2b) reflete uma opinião como a de Demétrio Magnoli, sujeita a um crivo avaliativo de base jurídico-normativa para aferir o seu valor de verdade; já o enunciado em (2a) não reflete coisa alguma, pois nem sequer é possível na língua, o que se deve ao fato de a sua contraparte gramaticalmente bem formada (*Bolsonaro genocida*) não informar nem descrever uma situação, mas se apresentar intrinsecamente como uma verdade, um “valor de argumento”.

- (2) a. * *Bolsonaro não genocida.*
b. *Bolsonaro não é genocida.*

Vale aqui chamar atenção para a posição de Sérgio Rodrigues, que, no texto intitulado *Por que Bolsonaro é genocida*, deixa de lado a retórica baseada na validade jurídica e se concentra no que chama de linguagem comum, em que “os sentidos se reinventam”.⁸

⁷ Reinaldo Azevedo, Twitter, 16/03/2021.

⁸ Sérgio Rodrigues, Folha de São Paulo, 21/10/2021.

Que perfil étnico-social precisam ter as vítimas de um assassinato em massa para que se caracterize genocídio? [...] Qual é a jurisprudência internacional? Deixo essas questões para quem entende delas. Me limito a apontar uma dimensão, a meu ver bastante relevante, em que tudo isso soa a pura desconversa. Estou falando da linguagem comum. [...] é na linguagem comum que a vida pulsa, palavras prosperam ou definham, sentidos se reinventam.

Nesse âmbito, já era – Bolsonaro é genocida, ponto. A acepção de genocídio como assassinato em massa, sem mais qualificações, parece ter amadurecido junto com a consciência de que nunca, nem de longe, houve um brasileiro que carregasse tantas mortes nas costas.

Bolsonaro e genocida viraram palavras grudadas, pão e manteiga. Ah, o sentido é juridicamente controverso? E daí? Depois de uma vida vendo chefes de quadrilha serem chamados de próceres da República, o povo aprende a ser flexível com as palavras.

Se aliarmos a reflexão de Sérgio Rodrigues às colocações de Benveniste, podemos dizer que a frase nominal *Bolsonaro genocida* se alinha mais prontamente ao que o colunista chama de linguagem comum do que a sua versão verbal. Trata-se do resultado de “palavras grudadas, pão e manteiga”, pois, dentre outros motivos, a sua expressão na forma de uma asserção nominal independe de qualquer avaliação jurídica que a valide. É, no dizer de Benveniste, “uma verdade proferida como tal”.

4 As frases nominais e seu funcionamento discursivo

Nesta seção, vamos nos ocupar de uma frase nominal específica para analisar o seu funcionamento discursivo, ancorados em alguns princípios do Círculo de Bakhtin.⁹ Elegemos o Círculo como aporte teórico, em adição à proposta de Benveniste (2005) abordada na seção anterior, porque sua concepção de linguagem considera a natureza ideológica dos signos linguísticos (as unidades da língua) a partir da constante interação entre os interlocutores, que produzem sentidos por meio de suas enunciações em situações concretas de uso. A proposta

⁹ O Círculo de Bakhtin é o nome dado a um grupo de intelectuais que se reunia regularmente na Rússia, entre 1919 e 1929. Dentre esses intelectuais, estavam Valentin Volóchinov (1895-1936), Pável Medviédev (1892-1938) e, claro, Mikhail Bakhtin (1895-1975).

bakhtiniana em torno de elementos discursivos que entram em jogo no funcionamento da linguagem pode, dessa perspectiva, complementar a análise de Benveniste para as frases nominais por permitir introduzir, em nosso escopo de observação, tanto a distinção entre *significado* e *sentido* quanto a noção de *dialogismo*. Iremos explorar esses conceitos para discutir, em particular, a ocorrência de um tipo frásico que não é contemplado por Benveniste – a frase nominal não predicativa.

Bakhtin não nega a existência da língua (as unidades) como sistema na concepção saussuriana, mas considera que ela, por si só, não explica o funcionamento real da linguagem. Em outras palavras, o que Bakhtin “tinha em mente era constituir uma ciência que fosse além da linguística, examinando o funcionamento real da linguagem em sua unicidade e não somente o sistema virtual que permite seu funcionamento” (FIORIN, 2016, p. 24). As unidades da língua são os sons, as palavras e as orações. Essas unidades fixas, repetíveis, apresentam certa significação e estão disponíveis para serem assumidas por um enunciador e se transformarem em enunciado¹⁰ (discurso único e irrepetível), a unidade real da comunicação. De acordo com Fiorin (2016, p. 25), as unidades da língua “não pertencem a ninguém, não têm autor [...]. Já os enunciados têm autor [...] revelam uma posição”. Vejamos isso com o exemplo a seguir, a título de ilustração.

Figura 5



Fonte: Perfil de Cristiano Siqueira no Instagram.

¹⁰ Enunciado é aqui entendido como sinônimo de discurso, podendo ser definido “como uma unidade discursiva mediante a qual o locutor busca realizar um projeto enunciativo, de acordo com a interação em que está envolvido [...] tendo por material as formas da língua e imprimindo ao que é dito um tom avaliativo que leva em conta a resposta ativa presumida do interlocutor a quem o locutor se dirige. O enunciado é unidade discursiva porque vai além das formas linguísticas que são a palavra, a frase e o texto como materialidade.” (SOBRAL, 2009, p. 98).

A figura¹¹ acima foi publicada no perfil de uma rede social do ilustrador Cristiano Siqueira. É uma crítica-réplica à escultura “Touro de Ouro”, inaugurada pela Bolsa de Valores de São Paulo em frente a sua sede no centro histórico da cidade, em novembro de 2021, para representar o “otimismo e a força dos investidores” (ver Figura 6 adiante).¹²

A ilustração, constituída de uma figura cuja forma (a de touro) reproduz uma unidade lexical (*Fome*), traz uma frase nominal que, em contraste com as abordadas por Benveniste, não é predicativa. O enunciado tem sentido de protesto e marca um ponto de vista do enunciador em relação às dificuldades financeiras de milhões de brasileiros, essencialmente no cenário pandêmico que marcou o biênio 2020-2021. Queremos ilustrar, com esse exemplo, que a semântica proposta por Bakhtin e seus colaboradores comporta dois aspectos relevantes: o significado, dado pelas formas da língua (pelos signos linguísticos), sempre reiteráveis; e o sentido, dado pela enunciação (sentido esse sempre flexível, adaptável aos diversos contextos comunicativos). Na condição de forma linguística, a palavra *fome*, que está à disposição de qualquer usuário da língua, é neutra, não tem um autor específico, nem é dirigida a ninguém. Agora, quando assumida por alguém, deixa de ser uma unidade da língua e se torna um enunciado, dirigido a um destinatário, emitindo juízos de valor, pontos de vista, emoções, tendo em vista a situação comunicativa. *Fome*, nesse caso, deixa de ter significado e passa a ter sentido.

Antes de dar continuidade às considerações sobre a Figura 5, passemos ao princípio fundante do pensamento bakhtiniano, o *dialogismo*, conceito basilar e unificante das obras do Círculo. É o princípio segundo o qual todo discurso emana de outro discurso – do discurso de outro, não apenas como réplica a um outro discurso, mas em relação com várias vozes, vários sentidos produzidos na interação entre sujeitos. De acordo com Bakhtin (1988, p. 88):

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão

¹¹ Imagem extraída de <https://www.instagram.com/p/CWYhJtSrs6q/>.

¹²<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/11/16/b3-inaugura-escultura-do-touro-de-ouro-no-centro-historico-de-sao-paulo.ghtml>.

podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível [...].

O excerto acima explicita o caráter dialógico da linguagem. É, como dito, a orientação natural de todo enunciado. Além disso, o conceito está associado à ideia de diálogo (não somente o diálogo face a face, mas também as produções escritas), no sentido de que todo enunciado (unidade real da comunicação, ato individual de discurso) de um locutor se destina a um interlocutor, que age e interage com o primeiro – ou seja, o interlocutor não é meramente receptor, ainda que não verbalize nenhuma resposta.

Consideremos agora a Figura 6, que, como a Figura 5, contém a frase nominal *Fome*.

Figura 6



Fonte: Twitter do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MTST).

A Figura 6 indica uma manifestação *in locu*, dada a afixação, em fonte maior, da frase (o discurso) na própria escultura do “Touro de Ouro”. Tanto a Figura 5 como a Figura 6 são dialógicas, pois foram produzidos a partir de outro(s) discurso(s), que, certamente, é o discurso de otimismo, de bonança financeira apregoados pelos responsáveis pela escultura em frente ao prédio da Bolsa de Valores. Dessa forma, o sentido é produzido nessa interação, nesse cruzamento, de discursos que avalia e, ao mesmo tempo, contesta o discurso primeiro (o do otimismo). Nenhuma palavra é neutra, mas carregada de ideologia:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 181, grifos do autor)

Para o Círculo, todo signo é ideológico, pois emite um juízo de valor, expressa uma visão de mundo, um posicionamento acerca de um dado objeto, numa situação concreta de comunicação. Nesse caso, parafraseando Volóchinov, a palavra é o signo ideológico por excelência. No caso das duas figuras, não só a frase nominal, inscrita ou forjada, constitui um signo ideológico, mas sim a própria imagem, uma vez que “qualquer corpo físico pode ser percebido como a imagem de algo [...]. Essa imagem artístico-simbólica de um objeto físico é transformada em um signo. Sem deixar de ser uma parte da realidade material, esse objeto, em certa medida, passa a refratar e a refletir outra realidade.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 92)

Logo, se qualquer corpo físico pode ser transformado em um signo ideológico, a imagem (objeto) do touro de ouro, na situação sócio-histórica em que está inserida, expressa um posicionamento dos responsáveis pela escultura em relação à situação das transações favoráveis do mercado financeiro. Na esteira do que afirma Volóchinov, a imagem mantém seu significado enquanto parte da realidade, mas reflete e refrata uma nova realidade. Por outro lado, a palavra “fome”, como já mencionamos, é a emissão de um juízo de valor de outros sujeitos concretos (no caso, o autor da Figura 5, que, ao reconstruir a imagem com a inscrição *fome*, passa a representar uma parcela considerável da população que vem sofrendo as consequências mais desastrosas de uma crise econômica).

Como veremos na próxima seção, reflexões sobre a frase nominal a partir de questões suscitadas pela proposta do Círculo de Bakhtin, em conjunto com aspectos observados à luz do estudo de Benveniste (2005) apresentado na seção 3, podem ser exploradas na elaboração de práticas de leitura, escrita e análise linguística no ensino básico.

5 Uma proposta para a abordagem da frase nominal em sala de aula

Apresentamos nesta seção um relato sobre o trabalho com a frase nominal em sala de aula, tendo em vista a possibilidade de conciliar reflexões sobre aspectos gramaticais relativos ao enunciado sem verbo e a abordagem de certos gêneros do discurso em práticas de leitura,

escrita e análise linguística. O conjunto de atividades que iremos apresentar foi desenvolvido para a disciplina de Língua Portuguesa em três turmas do nono ano da EMEF Getúlio Dornelles Vargas, localizada no município de Parobé, Rio Grande do Sul, em aulas ministradas pelo segundo autor deste artigo, com a colaboração do primeiro autor. As atividades compuseram, em sua maioria, uma oficina sobre análise sintática e produção textual, que totalizou, em cada turma, 20 horas ao longo das duas últimas semanas de setembro de 2021.

O objetivo era levar o estudante à consciência de certos fatos gramaticais do português, a partir de atividades cujo foco não ficasse restrito ao mero exercício taxonômico sobre os termos da oração, mas no reconhecimento de propriedades sintáticas associadas a efeitos de sentido em diferentes situações comunicativas. Isso não significa que tenhamos deixado de lado, durante as oficinas, a abordagem metalinguística, mas que essa abordagem foi, na medida do possível, colocada a serviço de práticas de leitura, escrita e análise linguística.

O trabalho com a frase nominal se deu nesse contexto, no intuito de possibilitar aos estudantes reconhecer contrastes de forma e sentido entre enunciados com e sem verbo. As atividades também serviram para diagnosticar a habilidade das turmas na identificação das classes de palavras (particularmente, as de verbo, substantivo e adjetivo) e, com isso, ajustar as práticas às dificuldades que foram sendo encontradas quanto a essa identificação.

5.1 A frase nominal em práticas de recepção textual e análise linguística

O ponto de partida para o estudo da frase nominal, e seu contraste com a frase verbal, foi a proposição de uma atividade para que a turma analisasse uma lista de títulos de notícias, reportagens e artigos de opinião extraídos de veículos da mídia impressa e digital (Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Jornal Repercussão, Site UOL). Previamente à atividade, os estudantes foram apresentados a esses três gêneros, visando ao reconhecimento da sua função e dos seus principais elementos. O objetivo desta primeira atividade foi verificar se, mesmo antes de serem apresentados aos conceitos de frase nominal e verbal, os alunos chegariam à conclusão de que títulos nominais se prestam a funções discursivas distintas dos verbais e, com isso, fazer generalizações sobre a recorrência de um ou outro tipo de frase como título de textos pertencentes a um determinado gênero. A lista em (3) mostra

alguns dos títulos trabalhados, que foram todos extraídos de jornais publicados em 27 de agosto de 2021.

- (3) a. “Taquarense cai de uma altura de 7 metros e morre em Parobé” (Repercussão)
- b. “Piada numa hora dessas?” (O Globo)
- c. “Sobre fármacos, seus custos e a corrupção” (O Globo)
- d. “Brasileiro é resgatado em voo da Espanha” (Estadão)
- e. “Indígenas queimam caixão gigante contra marco temporal” (O Globo)
- f. “Dois degraus a mais na escala do horror” (Estadão)
- g. “Poesia de outono no inverno” (Estadão)
- h. “Brasil, um balaio de problemas” (Estadão)

De um modo geral, os alunos não tiveram dificuldade para perceber que frases verbais como aquelas em (3a), (3d) e (3e) são títulos de notícias, ao contrário das demais. Quando indagados sobre o porquê dessa conclusão, a resposta mais comum era a de que “o título está dizendo o que aconteceu”, indicando tratar-se de um texto cuja função é relatar ou descrever algum fato ocorrido. Se perguntados sobre qual ou quais elemento(s) indica(m), nas três frases, que algo aconteceu, também era comum que apontassem o verbo (*cai, morre, queimam, é resgatado*), muito embora mencionassem, quase sempre, o próprio item vocabular em vez de indicarem genericamente a classe de palavra à qual pertence o item.

Quanto aos títulos nominais, a maioria conseguiu reconhecer que dificilmente introduziriam uma notícia, mas não estavam certos se eram títulos de reportagem ou de artigo de opinião, a não ser em casos como (3b) e (3h), que claramente sugerem um juízo de valor a respeito de algo, indicando estarmos diante de títulos atribuídos a textos opinativos. Quando instigados a dizer o que faltava a esses títulos para que pudessem introduzir uma notícia, eram comuns respostas do tipo “não dá para saber o que aconteceu”, “não diz o que aconteceu, nem onde, nem quando” ou, simplesmente, “é muito estranho começar uma notícia desse jeito”.

Essas respostas sugerem que os alunos são capazes de entrever, ainda que no plano meramente intuitivo, alguns dos pontos observados por Benveniste (2005) para o contraste entre as frases verbal e nominal: a primeira serve, dentre outras possibilidades, para “descrever uma situação”, o que facilita o seu uso como título de uma notícia, enquanto a

segunda não se mostra apropriada a essa função, pois é “fora do tempo, das pessoas e da circunstância”, propriedade que dificulta a sua ocorrência como título de um texto noticioso.

Essa percepção dos alunos foi aproveitada para introduzir os conceitos de frase verbal e frase nominal, a partir da observação de que o enunciado verbal exibe uma forma vocabular (o *verbo*) que permite situar um fato no plano temporal, bem como explicitar, muitas vezes, o que aconteceu e quem foram os responsáveis pelo fato e/ou nele estavam envolvidos; ao enunciado nominal falta essa forma vocabular, mas há outros elementos que, se não indicam um fato temporalmente bem situado, fornecem pistas relevantes sobre diferentes aspectos (por exemplo, juízos de valor acerca de algo, tópico a ser abordado etc.) relevantes à compreensão de um texto.

Na segunda parte dessa atividade, após a explicitação dos conceitos de frase verbal e frase nominal, foi proposta uma tarefa na qual os alunos foram apresentados a diferentes recortes de notícias, reportagens e artigos de opinião, para que reconhecessem a que gênero pertence o texto, bem como indicassem o título que lhes parecesse mais adequado a cada recorte, entre duas possibilidades apresentadas (uma delas correspondendo ao título com o qual o respectivo texto foi publicado). Também lhes foi solicitado que indicassem qual dos títulos sugeridos era verbal, e qual era nominal. São apresentados a seguir dois dos recortes que compuseram essa atividade, com as duas alternativas de título: o primeiro, em (5), é uma notícia; o segundo, em (6), é um artigo de opinião.

(5)

Títulos sugeridos:

- **Um terrível acidente de trânsito em Sapiranga**
- **Acidente de trânsito é registrado na RS-239, em Sapiranga**

Mais um acidente de trânsito foi registrado na RS-239. Desta vez, o registro ocorreu no trecho de Sapiranga. O condutor de um veículo seguia no sentido Sapiranga/Araricá quando perdeu o controle da direção e capotou sobre o canteiro que divide a rodovia. Segundo informações, o motorista não se feriu e a Polícia Rodoviária Estadual está no local registrando a ocorrência.

25.ago.2021 - <https://www.jornalrepercussao.com.br/transito/acidente-de-transito-e-registrado-na-rs-239-em-sapiranga>

(6)

Títulos sugeridos:

- **Arrastão, a guerra da praia**
- **Praias do Rio voltam a registrar arrastões**

“Nós tamo entrando sem óleo nem creme / Precisando a gente se espreme / Trazendo a farofa e a galinha / Levando também a vitrolinha / Separa um lugar nessa areia / Nós vamos chacoalhar a sua aldeia / Mistura sua laia / Ou fuge da raia / Sai da tocaia / Agora nós vamos invadir sua praia”

A música, do Ultraje a Rigor, de 1985, é atual. Não tem mais vitrolinha. Nem grana para galinha com farofa. Mas é só o Rio esquentar que a praia lota. Que beleza a praia democrática quando vista de cima, abstraindo a variante Delta. A falta de máscara e distanciamento é mero detalhe. A molecada nem-nem, que não estuda nem trabalha e está ainda mais abandonada na pandemia, resolveu já em setembro tocar o terror.

26.ago.2021 – Ruth de Aquino, O Globo

O esperado era que, ao reconhecerem cada um dos gêneros, os alunos indicassem a frase verbal para o primeiro, e a frase nominal para o segundo, tal como na publicação original de cada texto. A resolução dessa atividade revelou ser mais fácil, para muitos estudantes, reconhecer o gênero do texto e a alternativa correta para o título do que classificar cada título como sendo nominal ou verbal, em particular nos casos em que o título nominal apresentava alguma palavra que sugerisse uma ação, um evento ou um acontecimento (como *acidente* e *guerra*, por exemplo). Essa dificuldade exigiu, durante toda a oficina, uma revisão contínua das propriedades morfológicas e sintáticas de verbos e nomes, com o objetivo de chamar a atenção dos alunos para critérios que lhes permitissem fazer a adequada distinção.

A atividade seguinte foi dedicada à análise de títulos de filmes e canções populares, alguns dos quais estão listados a seguir. A instrução aos alunos era para que propusessem um título nominal àqueles que fossem verbais, e um título verbal aos que fossem nominais. Para isso, deveriam reconhecer previamente se estavam diante de uma frase nominal ou verbal, de modo a fazer a devida alteração. Também foi solicitado que observassem se a mudança sugerida produzia algum tipo de alteração relacionada ao sentido da letra da música ou do conteúdo do filme, bem como à expectativa criada em um eventual leitor pela frase/título quanto ao que esperava encontrar na obra. O objetivo dessa atividade foi o de proporcionar

uma reflexão quanto à maior ou menor adequação da frase nominal e da frase verbal na produção de efeitos de sentido que atendessem às intenções de quem as utiliza.

- | | |
|--|--|
| <p>(7) Títulos de letras de música:</p> <ul style="list-style-type: none"> a. “Nosso amor envelheceu” b. “Dormi na praça” c. “Sonhos e planos” d. “O sol nascerá” e. “Perda total” f. “Tombei” g. “Menina má” h. “No dia do seu casamento” | <p>(8) Títulos de filmes:</p> <ul style="list-style-type: none"> a. “Minha mãe é uma peça” b. “Rebeca – a mulher inesquecível” c. “O ladrão de casaca” d. “Hoje eu quero voltar sozinho” e. “De volta para o futuro” f. “Querida, encolhi as crianças” g. “Vovó saiu do armário” h. “Pai em dobro” |
|--|--|

A principal dificuldade enfrentada pela maior parte dos alunos, ao iniciar a atividade, era a de encontrar um item vocabular semântica e morfologicamente correspondente àquele que precisava ser trocado para que a frase fosse alterada de um tipo para o outro (por exemplo, o substantivo *envelhecimento* para o verbo *envelheceu*, em (7a)). Com a ajuda dos dois professores responsáveis pela condução da oficina, essa dificuldade foi gradualmente diminuindo ao longo da atividade, e diferentes possibilidades de títulos foram surgindo, com alternativas bastante variadas, para alguns casos, em termos de organização sintática (por exemplo, *Minha mãe, uma peça* ou *A peça da minha mãe* para o título em (8a), e *O nascimento do sol* ou *O nascer do sol*, em (7d)).

Não foi difícil para os alunos perceber que as alterações promovidas no título, necessárias à transposição de verbal para nominal (e vice-versa), resultava em mudanças na expectativa que se criava quanto ao conteúdo da letra da música ou do filme. Alguns chegaram a chamar a atenção para o fato, por exemplo, de que um título como *O envelhecimento do nosso amor* soaria mais apropriado a um texto em prosa do que à letra de uma música na qual se narra o fim de um relacionamento, o que também vale, de uma certa forma, para algo como *O tombo* (em vez de *Tombei*) e *O encolhimento das crianças* (em vez de *Querida, encolhi as crianças*). Conclusões desse tipo sugerem que, apesar de alguns alunos mostrarem dificuldade no reconhecimento de um título como sendo nominal ou verbal, a maior parte chegou a esse ponto da oficina conseguindo perceber que a presença ou a

ausência de um verbo está relacionada a produção de efeitos que interferem na expectativa do leitor/ouvinte quanto ao conteúdo do que será apresentado. Trata-se, a rigor, da mesma conclusão a que chega Benveniste ao afirmar que a frase nominal e a frase verbal “não informam a mesma coisa”, pois se prestam a propósitos discursivamente diferentes.

5.2 A frase nominal em prática de produção textual

A atividade de produção textual, voltada ao emprego de frases nominais, foi antecedida de uma prática de recepção textual para que os alunos entrassem em contato com textos constituídos de enunciados sem verbo. O gênero escolhido para o desenvolvimento desse trabalho foi o conto, exemplificado a seguir. Intitulado *Assalto*, de Helena Parente Cunha, esse conto apresenta apenas sintagmas nominais compostos por um determinante seguido de um substantivo, que passam a funcionar como verdadeiras frases nominais.

(9)

Assalto

o banco as filas o balcão os guichês os caixas os guardas o dinheiro a mãe a filha o de repente o assaltante o espanto o assalto o susto a mãe o choro a filha o medo a mãe o choro a filha a ameaça o choro a arma o choro a filha o assassino o choro o tio a filha o tio a mãe o gemido o suspiro o sangue a filha o sangue a mãe o morrer-se o horror-se a filha a mãe a o

CUNHA, Helena Parente. **Cem mentiras de verdade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 71.

Se levarmos em conta a proposta bakhtiniana abordada na seção 4, esse conto facilita mostrar aos alunos que o sentido é construído tanto pelas formas da língua (que, no texto em questão, se apresenta como sintagmas nominais estruturalmente idênticos) quanto pelo sentido dado pela enunciação: isoladamente, fora da situação comunicativa que caracteriza a leitura do conto, os diferentes sintagmas remetem apenas a algo do universo extralinguístico, sem qualquer referência definida. Dentro do conto, entretanto, a combinação dessas várias formas permite não apenas narrar a ocorrência de uma tragédia, mas também conferir a cada uma delas um valor específico: por exemplo, *gemido* e *suspiro*, que em outra situação poderiam ser associados a diferentes nuances de sentido (gozo, cansaço, preguiça etc.), são, no texto, índices de dor, desespero e morte. Os próprios determinantes *a* e *o*, itens

representativos da categoria gramatical de definitude, assumem um sentido específico nas suas últimas ocorrências dentro do conto: o do desespero que leva à quase total ausência de palavras frente à tragédia.

Após a análise de contos desse tipo, foi proposto aos alunos que reconstruíssem o conteúdo de um curta-metragem, recorrendo apenas a frases nominais. Para o desenvolvimento dessa atividade, as turmas assistiram a quatro filmes de curta-metragem com histórias que, como o conto *Assalto*, eram marcados pelo suspense e terminavam de forma trágica.¹³ O objetivo da atividade foi observar se os alunos conseguiam construir frases nominais e, a partir delas, reproduzir efeitos de sentido associados ao conteúdo do filme.

O desempenho no desenvolvimento da atividade foi bastante variado entre os estudantes, especificamente no que diz respeito ao emprego exclusivo da frase nominal: a produção exemplificada em (10) a seguir ilustra o caso em que o aluno utilizou apenas formas nominais (com exceção do gerúndio *brincando*, que é uma forma verbo-nominal) e foi bem-sucedido tanto na tentativa de reconstruir o efeito de suspense quanto ao sugerir a tragédia que marca o final da história; já a produção exemplificada em (11) mostra a ocorrência de frases verbais (o que resulta, como já relatamos, da dificuldade de parte dos alunos na caracterização de verbos e nomes quanto à sua classe), cuja disposição dá pistas do que ocorre na história e tenta replicar a estrutura, com enunciados curtos, do conto *Assalto*, sem, contudo, reproduzir os efeitos de sentido esperados.

(10)

O menino do cinco

Um menino bem de vida, asmático tão sozinho em seu apartamento. Brincando sem ninguém. Outro menino, pobre, rodeado de amigos e morador de rua. O cachorro. Um descuido. Uma briga. Um deslize. Um momento de raiva. Um prédio. A janela e o descontrole.

(11)

Sem saída

Naquela hora. Dobrando roupa. Guarda roupa fechado. Poem no cabide. Fecha o guarda roupa. Some a roupa. Um barulho. A lata cai. Um vulto.

¹³ “Sem saída”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=emMzt2iNapE>.

“Menino do cinco”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WzqjUuEiRYU>.

“A criatura do polaroid”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Wl_s7uzsQRs.

“Fragil”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dCYzEDD_Z-U.

Atividades desse tipo servem não apenas para motivar o aluno a empregar recursos linguísticos diversos (ainda que não os solicitados) na tentativa de produzir efeitos de sentido específicos em práticas de produção textual, como também para auxiliar o professor no diagnóstico das dificuldades enfrentadas pela turma no campo da análise linguística. Essa última atividade, por exemplo, revelou que, mesmo após um conjunto de práticas em que a turma foi exposta a diferentes exemplos de frase nominal e frase verbal, uma parte dos estudantes ainda mostrava dificuldades tanto para reconhecer certas frases como sendo nominais (principalmente as mais longas) quanto para construir e utilizar esse tipo frásico com vistas à produção de efeitos de sentido. Isso levou o professor responsável pelas turmas, após o término da oficina, a dar continuidade a práticas de leitura, escrita e análise linguística por meio das quais os alunos voltaram a entrar em contato com a frase nominal e avançaram para o estudo da frase verbal, com a introdução de suas propriedades sintáticas mais básicas.

6 Considerações finais

A frase nominal ainda carece de estudos mais sistemáticos e aprofundados em quadros teóricos da linguística contemporânea. Investigar as propriedades desse tipo de enunciado, que não se restringe aos casos de predicação nominal analisados por Benveniste (2005), é um passo importante para desenvolver uma abordagem didática baseada em observações teóricas e empíricas que possam ser adequadamente exploradas em práticas de análise linguística.

De todo modo, sabemos que a frase nominal é empregada nas mais diversas situações comunicativas e mostra propriedades gramaticais, semânticas e discursivas tão complexas quanto a frase verbal. Restringir a sua abordagem a breves exemplificações tão somente para contrastá-la com a frase verbal e fixar a oração como o domínio da análise sintática, como normalmente o fazem os livros didáticos, é privar o aluno de estudar um padrão frásico bastante recorrente em diferentes situações de uso da língua. Enunciados nominais podem ser explorados em práticas de leitura, escrita e análise linguística, seja no reconhecimento e produção dos mais diversos efeitos de sentido, seja no estudo de propriedades gramaticais que entram em jogo na sua organização sintática. O conjunto das atividades listadas na seção 5, destinadas ao trabalho com a frase nominal em uma turma de nono ano, evidenciou que os estudantes conseguem contrastar os efeitos produzidos por frases nominais e verbais antes de serem apresentados formalmente aos dois conceitos, mesmo entre aqueles com dificuldades

para, em certos casos, fazer a adequada distinção entre nomes e verbos. A oposição entre os dois tipos de enunciado também se mostrou relevante para implementar práticas de escrita nas quais o aluno é instigado a reproduzir em seus textos os efeitos de sentido observados em outros textos pela utilização da frase nominal.

O estudo da frase nominal se mostra, dessa forma, uma excelente oportunidade para investir em abordagens que possibilitam articular, em um mesmo conjunto de atividades, a análise gramatical e o trabalho com diferentes gêneros do discurso, algo que nem sempre é simples de desenvolver no contexto escolar.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, R. Assumiram risco de matar em massa por ação e omissão. E mataram. Genocídio. **UOL Notícias**, 10 de agosto de 2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2020/08/10/assumiram-risco-de-matar-em-massa-por-acao-e-omissao-e-mataram-genocidio.htm>. Acesso em 20 dezembro 2021.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1988.

BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010 [versão em e-book].

BENVENISTE, E. Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral** - Volume I. Campinas: Pontes, 2005 [1966], p. 127-140.

BENVENISTE, E. A frase nominal. In: BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral** - Volume I. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005 [1966], p. 163-182.

CEREJA, W.; COCHAR, T. **Português**. Linguagens – 7º ano. São Paulo: Editora Saraiva.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

FLORES, V. N. **Uma introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

MAGNOLI, D. Meu chapa, o genocida. **Folha de São Paulo**, 8 de agosto de 2020, ano 100, n. 33.370, p. A9.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. **Tecendo Linguagens**. Língua Portuguesa – 7º ano. São Paulo: IBEP.

RODRIGUES, S. Por que Bolsonaro é genocida. **Folha de São Paulo**, 21 de outubro de 2021, ano 101, n. 33.804, p. B2.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Artigo recebido em: 06.02.2022 Artigo aprovado em: 25.03.2022 Artigo publicado em: 26.04.2022